

**POSSIBILIDADES  
EPISTEMOLÓGICAS E  
PEDAGÓGICAS DA  
GEOGRAFIA HUMANA  
EM SEU TRONCO  
HUMANÍSTICO-  
CULTURAL**

*EPISTEMOLOGICAL AND  
PEDAGOGICAL POSSIBILITIES OF  
HUMAN GEOGRAPHY IN ITS  
HUMANISTIC AND CULTURAL  
TRUNK*

*LAS POSIBILIDADES  
EPISTEMOLÓGICAS Y PEDAGÓGICAS  
DE LA GEOGRAFIA HUMANA EM SU  
TRONCO HUMANISTICO-CULTURAL*

**MARCOS ANTONIO  
CORREIA**

Professor do Departamento de  
Geografia da FAFI-PR  
Discente do Programa de  
Mestrado/Doutorado da UFPR

E-mail: korreya@uol.com.br

**Resumo:** As possibilidades epistemológicas e pedagógicas da geografia cultural humanista revelam ações fenomenológicas como instrumento na elaboração e disseminação do conhecimento humano em sua ordem científica. Para esse intento, posicionam-se, de forma sucinta, os saberes epistemológicos da ciência em geral e da geografia em particular, em sua contemporaneidade. Com isso pontua-se a necessidade de adaptação do projeto humano em ambiente epistêmico e pedagógico, ressaltando que o positivismo, assim como o mecanicismo que formou uma alma-racional e um corpo-mecânico devem contar também com os sentimentos mais puros da alma humana. O artigo ressalta que a geografia, pela sua estrutura epistêmica, dentro do humanismo, pode sustentar instrumentalmente, mediante descrição subjetiva, em contexto situacional e intencional, devidamente suspenso, as elucubrações idiosincráticas, ônticas e dialógicas do ser humano. O artigo busca refletir as mudanças socioculturais e científicas e as adaptações que a geografia fenomenológica, seu método e seu caráter pedagógico podem oferecer ao desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Epistemologia, Geografia Humanista, Fenomenologia, Pedagogia.

**Abstract:** The epistemological and geographical possibilities of the humanist and cultural Geography reveals phenomenological as a tool in the preparation and dissemination and spreading of the human knowledge in its scientific order. To this intent, stand up, briefly, the epistemological knowledge of science in general and in particular geography, in its contemporaneity. With all these, is shown the need of adaptation of the positivism, as well as the mechanism which formed one rational soul and one mechanic body, must trust the most pure feelings of the human soul. The article emphasizes that, when well suspended, the Geography by its epistemological structure, inside the humanism, can sustain instrumentally by the subjective description in situational and intentional context the idiosyncratic lucubration, ontological and dialogical of human being. The article searches for the reflection of social-cultural and scientific changes, as much as the adaptations that phenomenological Geography and its methodology and pedagogical characteristic can offer to the human development.

**Keywords:** Epistemology, Geography Humanist, Phenomenology, Pedagogy.

**Resumen:** Las posibilidades epistemológicas y geográfica de la humanista y cultural de Geografía revela acciones fenomenológica como na instrumento en la elaboración y difusión de los conocimientos humanos en su orden científico. Con este propósito, de pie, brevemente, el conocimiento epistemológico de la ciencia en general y, en particular, la geografía, en su contemporaneidad. Con, se muestra la necesidad de adaptación del positivismo, así como el mecanismo que forma un alma racional y Un órgano mecánico, debe confiar en los sentimientos más puros del alma humana. El artículo hace hincapié en que, cuando así suspendido, la Geografía en su estructura epistemológica, en el interior del humanismo, puede sostener instrumentalmente por la descripción subjetiva de la situación y el contexto intencional idiosincrásicas lucubration, ontológica y dialógica del ser humano. El artículo busca el reflejo de la social-cultural y científico cambios, tanto como las adaptaciones que fenomenológica Geografía y su metodología pedagógica y característica puede ofrecer para el desarrollo humano.

**Palabras clave:** Epistemología, Geografía Humanista, Fenomenología, Pedagogía.

## **Introdução**

A sociedade atual busca alternativas ao seu projeto, que vigora desde o renascimento, marcando a construção da ciência e seu respectivo espírito científico, o qual direciona e sustenta o desenvolvimento da sociedade moderna até o presente momento. Uma nova realidade se apresenta no horizonte dos saberes da humanidade, porém essa nova maneira de ver as coisas não condena a produção humana até o momento, mas sinaliza outras possibilidades a serem consideradas, e introduzidas, como maior aproximação do ser humano de sua essência ôntica, envolvido por elementos físicos e naturais que lhe atribuem sentido de existência. Isso pode mudar a elaboração dos saberes, principalmente, em seu caráter científico, pois evidencia o particular, o subjetivo, o intersubjetivo, o estético, a arte, o holístico, o único, o sagrado e várias outras facetas humanas não contempladas no conhecimento científico moderno.

O artigo busca refletir essas mudanças no projeto humano, assim como vislumbrar a possível integração da ciência geográfica, em sua vertente cultural humanista, no tocante a elaboração epistêmico-metodológica, nesta nova fase do processo de reavaliação e reconstrução dos feitos do homem durante sua estada no mundo, assim como suas novas investidas no universo ou nos vários universos, como pensam alguns. Nesse sentido, a geografia como saber sistematizado e estruturado, abordando conceitos da natureza e do homem, poderá contribuir nessa empreitada, principalmente seguindo opção fenomenológica, pois ela resgata o ser humano como ponto de partida e como ponto de chegada na edificação e disseminação do conhecimento, partindo-se do emocional e do criativo, indicando, assim, possibilidades mais seguras e condizentes ao ser humano na procura de sua plenitude.

Na busca de uma estrutura sintética para o artigo que trata das possibilidades epistemológicas e pedagógicas da geografia humana em sua configuração cultural humanista de feição fenomenológica, optou-se por seguir pensamentos de estudiosos, filósofos e geógrafos como: Gomes (1996), Capra (1982), Demangeon (1985), Claval (1997), Holzer (1997), Tuan (1980 e 1983), Buttimer e Lowenthal, In Christofolletti (1985) e outros, numa primeira parte, subdividida em duas outras que tratam do posicionamento epistemológico dos saberes na atualidade e da situação epistemológica da geografia humana no redimensionamento dos saberes e, na seqüência, a última parte aborda, sucintamente, a possibilidade teórico-pedagógica da utilização da fenomenologia na geografia cultural humanista. Nessa última parte, observaram-se principalmente as reflexões realizadas por: Bachelard (1996), Bakhtin (2000), Galeffi, (1986), Bicudo (1999), Husserl (2001) e (Coelho, 1999), os quais com suas idéias sustentam o artigo.

Sendo assim, é fundamental assinalar o posicionamento dos saberes na atualidade e a situação da geografia na contemporaneidade, pois esses atuam como antecedentes no conjunto das idéias básicas deste texto, o qual busca identificar a forma

de condução epistêmica da geografia, nos períodos denominados modernidade e a pós-modernidade<sup>1</sup>, assim como refletir a alteração do projeto da sociedade atual em relação aos saberes produzidos, e a interligação existente entre o homem e o espaço. Pois o universo é visto como um todo harmonioso e a consciência sobre isso é muito importante para as próximas ações da humanidade.

Nesse mesmo foco, destaca-se a geografia como uma disciplina que pode contribuir na combinação da ciência com o espírito humano criativo. Para tanto, faz menção a Demangeon e Claval, quando eles se referem à geografia humana e à geografia cultural respectivamente, as quais tem incumbências antropológicas e sociais, na elaboração dos saberes. A seguir vários estudiosos, já mencionados, destacam a fenomenologia, que não condena radicalmente o cartesianismo e o positivismo, mas aproxima-se dos ideais pós-modernos, abrindo caminho ao desmembramento de outras teorizações e categorias na ciência geográfica, como: lugar e espaço vivido, estudados por meio da percepção fenomenológica do espaço geográfico.

Já, quando se traz à baila a pedagogia, principalmente numa visão fenomenológica dentro da geografia, procura-se identificar formas de se apropriar do conhecimento geográfico e, ao mesmo tempo, disseminá-lo por meio da educação. Nesse momento faz-se menção à geografia escolar, a qual o processo de ensino-aprendizagem, poderá incluir elementos fundamentais ao próprio conhecimento como: a emoção, o subjetivo e o intersubjetivo. Sugere-se assim, a introdução desses elementos fenomenológicos no que diz respeito, principalmente, à educação formal na qual a geografia se insere.

Essas novas manifestações dos saberes no presente momento da sociedade sugerem a possibilidade de união entre racional e emocional, pois tanto a natureza intelectual como a criativa, a opinativa e imaginária, através da subjetividade, podem renovar a produção dos saberes, por sua vez, dinamizando também, o conhecimento geográfico e posterior disseminação do mesmo.

A geografia escolar para experimentar as abordagens sugeridas, no que diz respeito a utilização de conteúdo emocional, no processo ensino-aprendizagem, poderá se servir, epistemologicamente, da descrição subjetiva de gênese husserliana e merleau-pontyana.<sup>2</sup> Pois a descrição – instrumento metodológico recorrente na produção da ciência geográfica — dos elementos da natureza, assim como as realizações humanas em seus determinados espaços sempre se constituíram em formas epistemológicas imprescindíveis à elaboração da ciência geográfica. Por outro lado, no campo educacional, algumas intervenções teóricas podem oferecer aporte às atividades pedagógicas, que por sua vez podem ser aplicadas no ensino de geografia, como os trabalhos de Wallon, destacando a emoção na

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário de Filosofia de Japiassu e Marcondes, o termo modernidade exalta a razão, valorizada a partir do Renascimento e o termo pós-modernidade seria a superação dessa razão alcançada por meio da valorização do sentimento, da arte e da criatividade.

<sup>2</sup> Nesse caso a descrição deve ser entendida como forma imanente (partindo do interior do ser) de perceber o objeto e eventos em si. Para a geografia esta forma de descrição poderá abrir perspectivas inovadoras, principalmente, em ambiente didático-pedagógico.

aprendizagem, o estudo da inteligência emocional de Goleman e os estudos das inteligências múltiplas de Gardner.

A descrição, independente de sua natureza, evidencia necessariamente o texto, que pode ser manifestado de várias formas. Uma delas estrutura-se em Bakhtin, em que nas ciências humanas e, por conseguinte, na geografia, o uso da linguagem textual e análise do discurso, estão sempre presentes, os quais são captados e estruturados em determinados contextos. No caso da geografia escolar e mesmo da geografia acadêmica<sup>3</sup> a descrição clássica, ou convencional (usada como instrumento metodológico na apreensão e elaboração do objeto de estudo da geografia) associada à descrição subjetiva, coloca o indivíduo como ponto de partida e de chegada nos fazeres científico e pedagógico, pois, acredita-se que, o ser sente e percebe seu derredor espacial, compartilhando-o com seus semelhantes.

### **Posicionamento Epistemológico dos Saberes na Atualidade**

O novo milênio, iniciado no século XXI, apresenta tendência à transição, reestruturação e evidente metamorfose no projeto arquitetado pela sociedade, desde os séculos XV e XVI até o presente momento. Essas mudanças levaram o homem a repensar toda a sua produção nos diversos saberes. A geografia compartilha e pode contribuir nessas alterações no projeto da sociedade, no sentido de repensar e adequar sua estrutura teórico-metodológica às necessidades presentes. A esse respeito (Gomes, 1996, p.19-21) diz que o pós-moderno, na visão de alguns estudiosos, inicia-se nos anos setenta do século XX, por meio de uma nova preocupação estética, — presente na ciência, técnica e artes — a qual não deixa de lado o monumentalismo<sup>4</sup>, suas respectivas técnicas e materiais consagrados pelo modernismo.<sup>5</sup>

Entretanto o pós-modernismo, nas palavras de Gomes (1996), exalta o relativismo e a emoção nas manifestações dos saberes, afastando-se assim do universalismo e das generalizações que embasaram e embasam o modernismo, pois estabelece outras formas de legitimidade, diferenciando-se da racionalidade que não valorizou algumas facetas humanas como: o sentimento, a intuição ilativa; a indefinição, a polimorfologia, a polissemia. Esses caminhos fogem das unificações generalizadas e evitam a razão totalizante, promovendo a transposição do moderno ao pós-moderno.

Essas novas concepções estéticas passam pelos diversos saberes modificando as

---

<sup>3</sup> Voltada à pesquisa buscando a elaboração do conhecimento geográfico. Diferente da geografia escolar que se concentra, prioritariamente, na disseminação dos conhecimentos geográficos.

<sup>4</sup> O monumentalismo, em Gomes (1996), refere-se a estética e a criatividade da arquitetura moderna que sofreu grandes modificações, mas não deixou de usar as técnicas e os materiais do modernismo.

<sup>5</sup> Nos relatos de Gomes (1996), o modernismo está ligado a racionalidade, universalidade e generalizações. Esse, tem seu momento derradeiro no monumentalismo, que renova a estética — de início na arquitetura, depois em outras áreas — e traz à tona o relativismo, próprio do pós-modernismo.

estruturas teóricas e metodológicas das mesmas. Nesse sentido (Gomes, 1996 p.21-23), diz essas concepções inauguram visões diferenciadas de espaço e tempo, tornando-se relativas e mutáveis, constituindo-se em renovadas “Unidades Fenomenológicas”, mais perceptíveis nas manifestações artísticas. Já nos saberes científicos, isto não ocorre com tanta visibilidade, ao mesmo tempo em que avança de forma mais lenta, no entanto não menos efetiva. Na ciência, a iniciativa mais evidente é a da teoria anarquista de Feyerabend, dizendo que os instrumentos metodológicos convencionais são inconsistentes e a hegemonia da razão e o mito equiparam-se na sua condição epistemológica, valorizando o particular e o único, advindo do sujeito e seu mundo.

Por outro lado, (Capra 1982, p.14-23), diz que, atualmente o mundo apresenta conexão entre fenômenos naturais, sociais e psicológico, interligado e interdependentes. Sendo assim, as elaborações sistêmicas e cartesianas não estão dando conta de satisfazer o equilíbrio individual e social. Pois nas últimas décadas é estabelecida uma condição de profunda crise mundial, afetando todos os segmentos da sociedade, delineando crises das mais profundas, interferindo nas manifestações morais, intelectuais e espirituais do ser humano, inclusive desencadeando perspectivas iminentes e realísticas de extinção do gênero humano e dos demais seres vivos do planeta.

Na tentativa de situar essas mudanças paradigmáticas, é importante assinalar que, a institucionalização da razão efetivou-se no último quartel do século XVII e, segundo (Gomes, 1996, p.25-26), o conhecimento científico seguindo princípios e modelos galileanos evocou o racional e a generalização na organização e elaboração dos saberes, constituindo-se como único caminho para se chegar à conquista do modelo moderno de ciência, firmando-se em via válida ao conhecimento humano, no período chamado modernismo. Por outro lado, nesse tempo, ocorreram manifestações diferenciadas as quais não tiveram guarida. Hoje, porém, ocorrem oposições a essa superestrutura de conhecimento, por meio de posições anarquistas, místicas e outras, caracterizadas como “Contracorrentes”,<sup>6</sup> contestando o poder da razão, do espírito científico e a hegemonia da estrutura dos saberes ora institucionalizadas.

No que concerne ao pensamento de (Capra, 1999, p.35-37), a razão e a intuição são maneiras indissociáveis no funcionamento do cérebro humano. A primeira é concentrada, analítica e linear. Já, a intuição parte da realidade, do vivido, do não-pensamento, privilegiando a percepção consciente. A cisão entre matéria e espírito, levou a um pensamento mecanicista, reduzindo e separando os elementos, assim como seccionando a natureza. Essa mesma cisão estende-se aos organismos vivos, caracterizados como máquinas formadas por peças disjuntas. Isso ainda ocorre na estrutura básica da maior parte das ciências, exercendo grande influência em nossa vida, provocando, também, separação das disciplinas acadêmicas, assim como visões fragmentadas de política de governo e de entidades responsáveis pelo meio ambiente.

---

<sup>6</sup> As “contracorrentes” sugerem áreas dos saberes como: filosofia da natureza, romantismo, hermenêutica e fenomenologia, como teorias importantes nas elaborações epistemológicas e metodológicas aplicáveis aos conhecimentos geográficos.

Como reflete (Capra, 1982, p.44), a maior parte dos ramos científicos seguem os princípios da física clássica, aceitando o reducionismo e o mecanicismo dessa ciência. Mesmo os economistas, psicólogos e sociólogos acabam aderindo, quase naturalmente à física newtoniana, na tentativa de tornar científicas suas respectivas teorias. Mas no último século a visão mecanicista da física passa por grandes modificações, pois, sustenta a existência de estrutura orgânica e ecológica, aproximando-se do holismo e de certo misticismo. O universo é visto como um todo harmonioso e indissociável, promovendo ligações dinâmicas e complexas, unindo todos os objetos, elementos e fenômenos que se interconectam ao ser humano e sua consciência essencial.

Na realidade retomam-se alguns conceitos de alguns pensadores, como diz (Capra, 1999, p.53-54), que antigamente conceituavam a Terra como mãe nutriente. Esse conceito sofre alterações nos relatos de Bacon, desintegrando-se por completo na revolução científica, que optou pela concepção do mundo como máquina, em detrimento de idéias orgânicas. Esse enfoque foi de grande importância para o assentamento da sociedade moderna ocidental, arquitetada por dois personagens: Descartes e Newton. O primeiro, com sua conhecida premissa, “Cogito, Ergo Sum”, “Penso Logo Existo”, deduz que a essência humana está no pensamento e que o conhecimento correto é adquirido pela intuição e dedução, caracterizando-se em instrumentos imprescindíveis à edificação do pensamento e conhecimento humano.

Seguindo o pensamento capreano (1999, p.56-58), o universo material para Descartes constituía-se, simplesmente, em uma máquina, desprovida de espiritualidade ou vida, funcionando por meio de leis mecânicas explicadas por intermédio dos movimentos de suas partes. Com esse pensamento mecanicista, ele tenta constituir parâmetros para uma completa ciência natural, estendendo essa concepção aos organismos vivos. Plantas e animais são considerados máquinas e o ser humano, possuidor de alma racional, ligada ao corpo pela glândula pineal, e tido como animal-máquina. Newton praticamente continua o pensamento de Descartes, concretizando seu projeto, matematizando a concepção mecanicista da natureza, sintetizando, inclusive, além de Descartes, as obras de Copérnico, Kepler; Bacon e Galileu.

### **Situação Epistemológica da Geografia Humana na Contemporaneidade**

Os instrumentos teórico-metodológicos são difusos e insuficientes para se fazer uma avaliação analítica das perspectivas epistemológicas, filosóficas, técnicas e científicas da sociedade atual. Devido a isso, o que se percebe é um grande hiato transitivo no projeto humano contemporâneo, pois, como anuncia (Capra, 1982, p.77), a probabilidade e o aspecto dual da matéria acabam com a clássica noção de objetos sólidos, que, em seu nível subatômico, podem ser dissolvidos em ondas padronizadas de probabilidades, promovendo as interconexões entre as “coisas”, em sua construção subatômica. Isso se insere na teoria quântica, no caso das interconexões. Por outro lado, Einstein não aceitava

a constituição de conexões não-locais e a essência fundamental da probabilidade, o que não o afastou do cartesianismo.

A geografia humana clássica insere-se na estrutura geral da ciência, desenvolvendo-se, como indica (Demangeon, 1985, p.49), a partir do quarto quartel do século XVIII, assentada nos modos de vida dos seres humanos na litosfera terrestre e sua forma de agrupamentos. Materializa seu estudo mediante descrição simples e direta, relatando o viver cotidiano e diferentes maneiras de ser dos povos. Esses relatos subsidiavam os viajantes em suas incursões, pois eram narrações românticas, despertando a imaginação em seus observadores. Seus recortes enumeravam lugares em vários aspectos, desde distâncias, informações econômicas, históricas, arqueológicas, estatísticas e outras.

Sem entrar no mérito da geografia clássica, diz-se que ela é a base da geografia humanista, pois ela retira seus conceitos de teorias advindas da física, biologia e sociologia e fundamenta-se na ciência de tradição moderna. Nesse viés pode-se lembrar as palavras de (Claval, 1997, p.89-90), que ressaltam as manifestações humanas na Terra, associando-as a geografia cultural, relacionando os elementos da natureza e do ambiente com as produções humanas, de acordo com seus gostos e sentimentos, respondendo às suas necessidades e aspirações, em busca de realização. Há também os pensamentos de Eric Dardel, que foi o primeiro a destacar e batalhar pela concepção legitimamente humana da geografia, as quais levaram cerca de vinte anos até seu reconhecimento. Essa geografia humana sublinha o social e o cultural: como já evidenciado por Vidal de La Blache, por meio dos gêneros de vida, destacando sua dimensão cultural.

Como diz Paul Claval (1997, p.55), a geografia cultural, sofre renovação a partir dos anos setenta, juntamente com o conjunto das ciências. Ela toma corpo, em várias instâncias, da mesma maneira: os lugares são diversos e não possuem as mesmas características, formas e cores, assim como uma funcionalidade racional e econômica. As pessoas que os habitam e os freqüentam estão ligadas por sentimentos e emoções em relação a eles. Nesse aspecto os pesquisadores que estudam as percepções do espaço, espaço vivido e meio ambiente, aproximam-se de outros estudiosos, principalmente de psicólogos, tornando os estudos mais proveitosos. Mesmo o romance pode transformar-se em documento: a intuição do romancista nos ajuda a perceber o espaço pelas emoções das personagens.

A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transferida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e à dos seres que a circundam e formam a sociedade da qual se sente membro. Ela não desempenha o mesmo papel nos diversos momentos da vida. (Claval, 1999, p.89).

A imaginação leva o espírito além do alcance da vista: o viajante antecipa o que descobrirá, assim que a linha do horizonte for ultrapassada. A criança

amante dos mapas e dos selos habita os países construídos por sua fantasia. O crente aspira à felicidade eterna do paraíso, evita a prova do purgatório e teme o castigo definitivo do inferno. O espaço freqüentado pelos homens não se limita jamais àquele revelado pela observação. (Claval, 1999, p.140).

A geografia humanista, já revisada por alguns autores no que concerne, principalmente, à geografia cultural, propõe a emergência do indivíduo, sua intenção, vontade, sentimento e emoção em relação a sua subjacência pessoal e interpessoal, montada na intencionalidade<sup>7</sup> do vivido, percebido por ele, consubstancializando-se em objeto e sujeito do fenômeno em questão, como já prevera Husserl e como declara (Holzer, 1997, p.17). Após trazer as idéias de vários geógrafos humanistas e simpatizantes da fenomenologia, Holzer diz que, esse caminho coaduna-se com o pós-modernismo, pois alarga e, em alguns momentos, foge do cartesianismo e do positivismo, ao mesmo tempo em que não ressalta, nem coteja tanto o sujeito ou o objeto, mas vasculham métodos alternativos, valorizando o ser e sua espacialidade humanizada, sintonizando-se com a produção cultural e o momento relacional do indivíduo, seu corpo, sensação e percepção com o seu ambiente de vivência.

A geografia humanista, nas palavras de (Tuan, 1985, p.159-160), relata que ela exerce papel fundamental para o conhecimento científico, pois pode revelar materiais que o cientista, concentrado em sua própria estrutura conceitual, pode estar insensível ao seu redor. Esse material contempla a natureza e a totalidade das experiências e reflexões humanas, assim como, determina “a qualidade e a intensidade de uma emoção, ambivalência e a ambigüidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas”.

Para (Buttimer, 1985, p.192-93), o método fenomenológico na geografia humanista pode unir o objetivismo ao subjetivismo, mesmo sobre as críticas mais ferrenhas advindas de outras áreas do conhecimento, mesmo de alguns setores da própria geografia. Por outro lado, esse método amplia os caminhos pretendidos pela geografia. Pois já está na hora de quebrar com a atitude conservadora da prática intelectual ocidental em relação ao conhecimento científico. Por isso ela diz que, essas manifestações podem “transcender as barreiras artificiais que nossa herança intelectual ocidental tem colocado entre a mente e o ser, entre o intelectual e o moral, entre a verdade e a bondade, em nossos mundos vividos”.

Aproximando-se dessa idéia, observa-se o pensamento de (Lowenthal, 1985, 137), quando relata que todo conhecimento pode ser concomitantemente subjetivo e objetivo, pois os “delineamentos do mundo que são puramente materiais e factuais ordinariamente parecem muito áridos e inanimados para assimilar; somente a cor e o sentido conduzem à verossimilhança”. Atrás dos costumeiros acontecimentos e fatos, necessitamos de experiências inusitadas, de primeira mão, que favoreçam opiniões e preconceitos

---

<sup>7</sup> Conceito central da fenomenologia. Em Husserl ela é manifestada por meio da descrição após se realizar a *epoché*, ou seja, a suspensão do juízo (o mundo colocado entre parênteses).

individuais.

Cada imagem e idéia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza e do homem. Todos os tipos de experiência, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor o nosso quadro individual da realidade. A superfície da terra é elaborada para cada pessoa pela refração através de lentes culturais e pessoais, de costume e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções. (Lowenthal, 1985, 137).

Percebe-se que a geografia humana, ancorada no social e cultural, busca efetivar sua contribuição no estatuto científico atual. Nesse sentido, apresenta a geografia humanista cultural e a fenomenologia como aportes indicados a esse intento. A abrangência cultural, antropológica e psicológica almejada pela sociedade atual, faz emergir o sujeito e sua individualidade, acompanhada de sua vontade, imaginação, memória, sentimento e emoção. A cultura é imprescindível ao indivíduo no plano de sua existência material e imaterial, bem como a consciência de seu corpo por meio de sensação e percepção, com o seu ambiente de vivência pois o espaço freqüentado pelos homens não se limita jamais àquele identificado na observação.

De acordo com (Correia, 2006, p. 69), a fenomenologia discute o percebido, o vivido, através do sentido e subjetivamente concebido. Pode-se depreender que estes fundamentos – já identificados por alguns geógrafos humanistas, fenomenológicos e da percepção — podem enriquecer a construção epistemológica e metodológica da geografia, principalmente no que diz respeito a categorias como lugar, espaço vivido e paisagem, dinamizando até outros fundamentos e categorias da ciência geográfica.

### **Algumas Ações Epistêmico-Pedagógicas da Geografia Humana no Redimensionamento dos Saberes**

O ser humano é naturalmente um fator de interiorização privilegiado. Parece que o homem pode sentir e conhecer diretamente as propriedades íntimas de seu físico. A obscuridade do *eu sinto* predomina sobre a clareza do *eu vejo*. O homem tem consciência de ser, por seu corpo tomado de um vago sentimento, uma substância. (Bachelard, 1996, p. 159).

Segundo (Bachelard, 1996, p.23-24), os educadores de ciências acreditam que o espírito inicia-se com uma aula, pois a educação desconhece a idéia de obstáculo

pedagógico. Acreditam que é sempre possível reconstituir os procedimentos pela repetição da lição, mesmo ela possuindo conceitos falhos. Não consideram que o jovem já possui algum tipo de conhecimento: portanto não se trata de conseguir uma cultura experimental, mas de alterar a sua cultura, formada pelo seu cotidiano. Mas a cultura científica deveria passar por uma purificação intelectual e afetiva, pois ela é pré-requisito ao avanço do espírito científico, assim como da ciência em geral, fazendo sua mobilização, abertura e dinamicidade.

As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquela que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há a coisa muda. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (Bakhtin, 2000, p.403)

Tratando das matérias que se deverão ensinar, Kant sustenta ser oportuno que as línguas vivas sejam ministradas pelo uso e pelo léxico mais do que mediante exercício de memória, através de leitura de autores. Ele reputa danosas, em geral, as leituras dos romances: com efeito, julga conveniente começar a instrução com a geografia (...). O ensino científico deve visar, enfim, a converter em saber exato um simples opinar. (Galeffi, 1986, p. 267).

Seguindo os pensamentos bakhtiniano e kantiano em relação à elaboração e disseminação do conhecimento, torna-se pertinente reforçar as idéias de (Bakhtin 2000, p.401-402) em relação às ciências humanas, que oportunamente poderão aproximar-se da geografia humana, que diz: as coisas estão eivadas de sentido e são desveladas pelas palavras ligadas aos fenômenos, que estão submersos no caos das manifestações primárias da existência. Portanto, uma intervenção dos sentidos pode não ser categorizada como científica em sua concepção clássica, mas ela é inerente às coisas e imprescindível ao conhecimento e seu respectivo processo de ensino-aprendizagem.

Na estrutura bakhtiniana, o mesmo autor (2000, p.404) reporta-se às ciências humanas, dizendo que elas se aproximam do espírito e das letras, destacando a palavra como condutora na elaboração do conhecimento. O texto surge como método para apreensão e propagação cognitiva, que parte do indivíduo inserido em um contexto. Essa dinâmica leva a outros indivíduos que também produzem seus textos nos mesmos contextos, permitindo permutas cognitivas, portanto promovendo uma dialogicidade analítica, acionada pela comunicação, divulgação e comparação das idéias. Esse cotejamento leva à compreensão e a novos textos e contextos, iluminando o momento do contato deles e promovendo perspectivas animadoras às novas elaborações e compreensões nas relações fenomenais humanas e mundanas. Nesse instante ocorre uma cientificidade diferenciada,

pois suas formas de compreensão, cognição e consciência científica fazem do mundo um acontecimento inacabado, que sempre deve ser revisto.

A geografia humana muito pode contribuir neste contemporâneo status dos saberes científicos, tanto na sua elaboração quanto em sua disseminação. Ela, nesse modelo dialógico, rompe com o anterior, monológico, da ciência clássica, destacando o ser humano na sua existência e toda a sua capacidade de sentir, de se emocionar e criar o seu saber com seu semelhante. O meu eu e o outro fazem parte do mesmo momento, o qual contextualizado e devidamente comunicado por instrumentos, essencial e verdadeiramente humanos, criam na sua interface seus respectivos textos e contextos, que, devidamente cotejados, remodelam e refazem o conhecimento, partindo de suas necessidades individuais, portanto subjetivas e intersubjetivas.

Subjacente ao exposto, pode-se sublinhar algumas práticas na ciência geográfica, como: as viagens, observações no campo, caracterização de determinado espaço (região, paisagem, lugar) e outras atividades socioespaciais, envolvendo a percepção espacial. Nesse contexto, pode-se fazer uso da descrição desses fenômenos, não da forma tradicional, — usada como método desde os primórdios da institucionalização da ciência geográfica, até hoje — mas de maneira reformulada, como uma descrição subjetiva de cunho fenomenológico-hermenêutico, para usar a expressão de (Spósito, 2004, p.38-39) que diz: “(...) o método fenomenológico-hermenêutico contém a redução fenomenológica<sup>8</sup> e a intencionalidade, indo além do subjetivo através da consciência.” Portanto, dessa forma, as descrições podem e devem transformar-se em criação de conhecimentos geográficos dinamizados e diferenciados, provocando mudanças, excepcionalmente no ensino da geografia .

A estrutura epistêmico-metodológica desse conhecimento poderá alicerçar-se na fenomenologia, principalmente husserliana e merlo-pontyniana, pois os acontecimentos e fenômenos geográficos poderão ser determinados intencionalmente, antes de passarem por esse processo. Nesse sentido pode-se dizer:

A vida cotidiana, para seus fins variáveis e relativos, pode contentar-se com evidências e verdades relativas. Já a ciência quer verdades válidas (...) Em conseqüência, do ponto de vista da intenção final, a idéia de ciência e de filosofia implica uma ordem de conhecimentos anteriores em si, relacionados a outros, em si posteriores, e, no final das contas, um começo e um progresso, começo e progresso não fortuitos, mas, ao contrário, fundamentados “na natureza das próprias coisas”. (Husserl, 2001, p. 30). A novidade da fenomenologia não é negar a unidade da experiência mas fundá-la de outra maneira que o racionalismo clássico. Pois os atos objetivantes não são representações. O espaço natural e primordial não é o espaço geométrico e, correlativamente, a unidade da experiência não é garantida por um pensador universal que exporia diante de mim os conteúdos

---

<sup>8</sup> De acordo com o Dicionário de Filosofia de Japiassu e Marcondes, a redução fenomenológica é a concentração da atenção nas coisas mesmas e não nas teorias.

da experiência e me asseguraria, em relação a eles, toda a ciência e toda a potência. (Merleau-Ponty, 1999, p.394).

De acordo com (Lencioni, 2003, p 149-52), o método fenomenológico husserliano considera os objetos como fenômenos, os quais devem ser analisados como aparecem na consciência, priorizando a percepção, entendendo que as idéias prévias, em relação a natureza dos objetos deve ser abolida. Nesse sentido afirma que o mundo vivido apresenta possibilidade de viver a experiência sensível, ao mesmo tempo pode pensá-lo de forma racional. Contudo acrescenta que, no pensamento merleau-pontyana, o centro da discussão relaciona-se entre natureza e consciência, constituída pela percepção. Ela diz que a geografia fenomenológica apresenta discussão relativa às representações que as pessoas fazem do mundo. Pois, “ao mesmo tempo que o espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço.”

### **Possibilidade Teórico-Pedagógica da Utilização da Fenomenologia na Geografia Cultural Humanista**

Em relação à contribuição da fenomenologia à educação, pode-se dizer que:

Como procedimento didático-pedagógico, ela contribui na medida em que o seu fazer é caracterizado pela busca do sentido e pela atribuição de significados, tornando-se um excelente modo de trabalho na realidade escolar. Trabalha com o real tal como ele é vivido no cotidiano, o que significa que não parte de proposições lógicas ou de teorizações sobre o aluno, a escola, a atividade docente e a aprendizagem mais toma alunos e professores no modo como estão em uma escola específica. (...). A fenomenologia se mostra apropriada à educação, pois ela não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, buscando a compreensão disso que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto. Buscando sentido e o significado mundano das teorias e das ideologias e das expressões culturais e históricas. (Bicudo, 1999, p.12-3).

De acordo com (Husserl, 2001, p. 37-38), de certa forma, o mundo em uma atitude reflexiva para o ser está sempre ali, ele é notado como antes mediante manifestações ocorridas em cada momento. Mas, em contrapartida, mesmo sabendo que os elementos objetivos e concretos sempre estão presentes, ao se trazer a atitude filosófica, não se compartilha mais a confiabilidade no existencial da experiência natural. Ela não é tida mais como crença válida, mesmo sendo captada de forma empírica. Nesse sentido, eles são considerados “simples fenômenos”, pois, ao que parece, perderam, na transfiguração de seus valores, sua validação. O mundo objetivo invalidado universalmente, ou ao menos

inibido em suas manifestações, é colocado em suspensão ou entre parênteses, para que possa ser observado de forma diferenciada na busca da apreensão ou percepção do manifestado. Essa configuração mundana existe para mim em dimensão espacial e temporal, portanto experienciada, percebida, pensada, julgada e desejada (por mim e pelo outro) subjetivamente.

Como diz Edmund Husserl (2001, p.44), é por meio da fenomenologia que subtraio meu eu humano natural e minha condição psíquica – abrangência interna —, meu âmbito transcendental e fenomenológico. Todo o meu existir constrói-se no mundo objetivo, existente em mim, o qual parte de mim, sai e volta para mim, valorizando meu sentimento existencial revelado pela fenomenologia transcendental. Nesse sentido é bom dizer: o mundano e seus elementos naturais, não o meu ser na realidade, assim como o eu reduzido, não é fração do mundo. Portanto nossas experiências, representações, idéias, juízo de valor e atitudes, é que dão e direcionam nossa relação com o mundo, promovendo a transcendência que é inerente ao mundano, ainda que não possa ser redimensionado por nós mesmos.

De acordo com (Bicudo, 1999, p.39-40) — inspirado por Husserl — existe uma conexão indissolúvel entre as pessoas e seus mundos, os quais se substanciam no temporal e no mundano. Cada homem se projeta no seu cotidiano como uma psique envolvida por psiques, que se relacionam e se equalizam entre si. Portanto a realidade psíquica é assentada na intersubjetividade. A redução vai ao encontro da intersubjetividade, onde acontece intercâmbio entre pessoas e suas apreensões em nível mais elevados, cindidas pelo espírito em sua seara natural e/ou cultural. Nesse caminho o ego é elaborado e constitui o outro. Outras culturas são colocadas em oposição ao mundo familiar e sociocultural do indivíduo. Isso determina relação peculiar entre o mundo físico e muitos mundos culturais, que são compreendidos por meio da própria cultura de cada um e sua relação com os mundos estranhos.

Segundo (Coelho, 1999, p.89), é pela imaginação que o ser humano exprime sua liberdade e diminui os determinismos do mundo. Assim como a educação, sendo uma atividade intencional, oferece várias possibilidades, no ensino-aprendizagem, à humanidade. Mas para tanto ela teria que oferecer outras abordagens pedagógicas, além das praticadas até o presente momento, como: a intelectual, apreensões lógico-matemáticas e linguagem verbal. Seria adequado, além destas últimas, outras como: música, literatura, artes, poesia, informática, filosofia e outras, pois auxiliam a ver e a ouvir a natureza, o mundo, o outro, a sociedade, o próprio aluno, seu professor e tudo o que os envolve.

Ao afirmar a *intencionalidade* como estrutura fundamental de toda consciência, a fenomenologia contesta a naturalização da consciência, das idéias e dos processos sócio-históricos. Recupera a especificidade da consciência frente ao mundo dos objetos e das ciências sociais e humanas e, portanto, das ciências da educação, diante das ciências exatas e naturais, recusando a transposição dos conceitos e métodos das ciências da natureza

para o campo das ciências humanas. (...). Ensina-nos a distinguir o que, na vida pessoal, na existência social e na educação, é de fato significativo. Recupera a natureza e a identidade do real, do psíquico, da existência e do fazer humanos, da educação, da escola, das teorias e da prática, do saber, do ensinar, do aprender, do tempo próprio da pesquisa, do ensino e da aprendizagem, “des-velando” seu verdadeiro sentido. Aliás, a fenomenologia ajuda-nos a compreender a questão do tempo, tão importante na educação, mostrando-nos que, embora real, o tempo da educação, da escola, da pesquisa, do ensino e da aprendizagem segue uma outra lógica, se desenvolve em outro ritmo e com outros fins. Sendo diferente do tempo do mercado, da produtividade, da eficiência e do lucro, não pode a este ser reduzido. (Coelho, p.90-1).

Ainda em (Coelho 1999, p.108-9), não existe ser humano e mundo: existe homem-no-mundo. Haja vista sua capacidade de adaptação ao mundo em que ele se faz presente, e que o modifica e pode ser modificado por ele. Sendo assim, nessa interação homem/mundo, a ciência não pode partir precipuamente de objetos aprioristicamente dados. Mas são percebidos em íntima relação, em que se abandona questão da neutralidade científica. O mundo não é algo acabado, determinado. Portanto é percebido em determinados momentos por algumas pessoas, em determinados lugares. Devido a isso pode-se argumentar que a captação do indivíduo é subjetiva, mas as compreensões são intersubjetivas, mediadas na relação homem/mundo, por componentes históricos, pela cultura, pela linguagem, movidos pela afetividade, entendimento/interpretação e comunicação. Apanhado pelas coisas, o ser humano manifesta seu íntimo ontológico, entende-as e analisa-as para comunicá-las e compartilhá-las com pessoas que estejam na mesma situação.

Mediante o exposto, percebe-se que as necessidades epistêmico-metodológicas da geografia cultural humanista poderiam acompanhar os métodos, ou como preferem alguns, a atitude fenomenológica. Sem falar dela no ensino-aprendizagem e sua contribuição na disseminação dos saberes, principalmente de ordem científica. Essa elaboração da ciência humana e/ou da geografia humana concretiza-se sobre a comunicação intra e inter indivíduos e seus respectivos grupos, assentados em ambientes culturais diferenciados, que manifestam situações do cotidiano, vivendo e experienciando cenas intencionalizadas.<sup>9</sup>

Nos últimos anos a geografia coaduna-se afinadamente com o novo projeto da humanidade, que coloca, de forma contundente, o homem no centro dos interesses mundanos, até porque, apenas para lembrar, essa ciência está classificada, pela maior parte da academia, como ciência social, que trabalha a organização espacial advinda do humano. Nesse sentido, no contexto fenomenológico, existe uma conexão imprescindível entre as pessoas e seus mundos. Cada um com seu corpo e sua mente constrói, por meio de suas vivências, mundos imaginários e reais, que se podem fundir

---

<sup>9</sup> No sentido fenomenológico husserliano.

com a soma e comparações de vivências percebidas por outros em determinado contexto.

A geografia, para ser inserida nesta abordagem fenomenológica, teria que realizar alguns ajustes, não em relação ao que estudar, mas em relação ao como estudar. Pois sabendo-se que a natureza, substrato de existência do homem e de suas ações, não deveriam ser previamente teorizadas, pois o mundo objetivo, previamente esquematizado, não oferece subsídios necessários às observações fenomenológicas. Por outro lado, deve-se voltar às coisas que desencadeiam no humano uma forma de desvelar o fenômeno, mediante apreensões afetivas e intuitivas, proporcionando movimentações qualitativas em determinadas situações.

A descrição é outro instrumento metodológico imprescindível para a fenomenologia, assim como para a geografia. Na geografia ela foi importante; em determinada época, talvez pela forma como era feita, foi criticada. Mas se for usada nos moldes fenomenológicos, ela se transforma e adquire nova postura, acreditando-se ser de grande magnitude as elaborações geográficas em sua vertente cultural humanista. Essa forma é de grande importância, pois parte do indivíduo que descreve as coisas e, para tanto, deve estar em contexto que determina um texto, organizado pelas palavras, associadas aos signos e significações, contextualizadas por meio de várias idéias de outros, comunicando suas percepções, divulgando publicamente suas experiências, mediante linguagem desenvolvida culturalmente pelo grupo, que a usa na educação de forma didático-pedagógica, para a apreensão e divulgação dos saberes.

Analisando o lado pedagógico e didático da geografia humanista cultural, fica mais fácil de entender e até de justificar a subjetividade em relação ao conhecimento e sua disseminação. Nesse caso pode-se citar as palavras de (Kozel, 2002, p.228), quando diz que para se perceber a subjetividade das pessoas, tem-se que remontar as representações mundanas das mesmas. Portanto as representações tornam-se fundamento das ações, as quais pressupõem conhecimentos e não somente um processo de aprendizagem. A mesma estudiosa, em outro momento, ressalta o papel fundamental dos mapas mentais e das representações na produção dos conhecimentos geográficos e também na geografia enquanto disciplina escolar.

Recordando o exposto, a subjetividade e a emoção fazem parte da natureza humana, mas não tiveram muito espaço na produção do conhecimento. Por outro lado, no campo educacional suas colaborações são constantemente solicitadas. Alguns estudos a esse respeito estão sendo realizados, mas ainda são insipientes. Esse texto apresenta algumas idéias que futuramente possam ser inseridas em elaborações mais densas e contundentes na construção teórica e pedagógica, aplicáveis, também, ao ensino de geografia. Sendo assim coloca a idéia oriunda da psicologia genética walloniana, à qual leva a emoção em seu core. Isso está presente nessa colocação: “a emoção é, então, o ponto de partida do psiquismo, (...) afirma que as emoções são a exteriorização da afetividade” (Bastos, 2003, p.48).

A teoria psicológica walloniana pode ser aplicada na educação, pois ela “deve, obrigatoriamente integrar à sua prática e aos seus objetivos, essas duas dimensões, a social e a individual: deve, portanto, atender simultaneamente à formação do indivíduo e à da sociedade” (Galvão, 1999, p.91). Nesse sentido, ela vem de encontro as teorias geográficas, quando se aproximam da linguagem e da questão mental, à saber:

A linguagem, ao substituir a coisa, oferece a representação mental o meio de evocar objetos ausentes e de confrontá-los entre si. Os objetos e situações concretos passam a ter equivalentes em imagens e símbolos, podendo, assim, ser operados no plano mental de forma cada vez mais desvinculada da experiência pessoal e imediata. (Galvão, 1999, p.91)

No ensino-aprendizagem, algumas iniciativas podem ser assinaladas, o que ocorre em (Campbell; Campbell; Dickinson, 2000, p.21-4), destacando que cada educando é único e cada indivíduo contribui para o enriquecimento cultural da humanidade. Portanto tem-se que ter cuidado para não reduzir os programas educacionais somente para questões predominantemente de inteligências lingüísticas e lógico-matemáticas. Por outro lado, defensores de outras formas de apreensões cognitivas, destacam a inteligência emocional, como (Goleman, 1995, p.305-7), a qual, mesmo em seu estágio inicial de estudos, pode contribuir, pois destaca que a emoção possui uma lógica que lhe é própria e nesse sentido é muito mais rápida que a mente racional. A mente emocional se utiliza de elementos semiológicos (signos, símbolos e simbologias) para caracterizar determinada realidade. Portanto necessita da percepção do indivíduo, impregnada de emoção e sentimentos, isso se apresenta como passo inicial na busca de representações mais complexas e objetivas (a serem usadas nos conhecimentos geográficos.)<sup>10</sup>

Já que a mente racional demora mais para registrar e reagir aos fatos do que a mente emocional, o primeiro impulso, em circunstâncias emotivas, não vem da cabeça, mas do coração. Há um outro tipo de reação emocional que não é tão rápido – fervilha e fermenta no pensamento antes de se configurar como sentimento. (...) No processo de resposta rápida, ao contrário, o sentimento precede ou é simultâneo ao pensamento. Essa reação emocional do tipo jogo rápido assume o comando em situação com urgência da sobrevivência primal. (Goleman, 1995, p.305).

Ampliando a questão de teorias educacionais, colocam-se as idéias de (Gardner, 2007) quando de sua entrevista à revista *Pátio – Ed. Artes Médicas* ressaltando as Múltiplas Inteligências, dizendo que cada indivíduo é singular e em se tratando de inteligências cada um tem a sua e estas são diferenciadas. Ele relata que no caso da educação a teoria das inteligências múltiplas, implica no seguinte: “todos nós temos tipos diferentes de mente, e o bom professor tenta se dirigir à mente de cada criança de forma mais direta e pessoal

---

<sup>10</sup> Grifo nosso — buscando associar essas teorias de ensino-aprendizagem ao ensino de geografia

possível (...) mais crianças sentem que suas forças pessoais estão sendo reconhecidas”.

Gardner (2007), em sua entrevista diz que, a maior dificuldade é conhecer cada educando como ele realmente é; saber o que ele é capaz de fazer e centrar a capacidade nos interesses de cada um deles. Por outro lado, diz que, o professor é um antropólogo que estuda cada aluno cuidadosamente, e um orientador que ajuda o educando a atingir seus próprios objetivos e os objetivos idealizados pela sociedade através da escola. Portanto formas criativas e inovadoras devem passar pela educação, subsidiando educadores e educandos renovando, dinamizando e disseminando o processo ensino-aprendizagem.

### **Conclusão**

O ser humano é um eterno aprendiz; os diversos movimentos que realiza no ato de aprender e a própria consumação da aprendizagem podem, na medida de sua vontade, ambição e sonhos, transformarem-se em ensino, portanto não contrariando o dialogismo ou multilogismo inerentes ao homem. Não se pode excluir desse processo o conhecimento científico que substanciou o projeto da sociedade moderna, até o presente momento. Ocorre que a sociedade, inspirada por sua faceta política, acaba optando pelo racional em detrimento do emocional. Tudo de gênese material ou física prevalece, inclusive na elaboração dos saberes, principalmente de ordem científica. Isso deixa a sociedade manca, e de certa forma engessa algumas partes de seu todo. Isso leva o homem a ser extremamente objetivo, técnico, frio, autômato, “exato” e outras características que o fazem afastar-se de sua essência humana.

Portanto o homem perde sua capacidade de imaginar e criar, por meio de seu sentir e segue o caminho de ser e pensar, que o conduziu a grandes avanços em alguns setores do conhecimento, os que serviram pelo menos para parte da humanidade em determinado momento, aos quais hoje já não satisfazem a seus anseios. Inclusive esse modo de vida causa desconforto e insatisfação na maioria dos mais de seis bilhões de pessoas que vivem no planeta, sem falar do desgaste dos elementos naturais nele existentes, que serviram de base para a satisfação das necessidades e também das não necessidades dos habitantes da Terra.

Diante do exposto, torna-se visível a necessidade de uma reestruturação dos ideais humanos, partindo-se de uma reeducação de seus saberes e uma revisão de suas capacidades e possibilidades que atendam a essas necessidades, que não são tão novas assim, mas ficam subjugadas e proteladas, como já dito, por parte da sociedade, que talvez não levou em consideração todas as facetas do ser humano na execução de seu projeto de vida.

Analisando algumas passagens da geografia humana na ciência como um todo e da geografia cultural humanista, principalmente de cunho fenomenológico, vislumbram-se algumas possibilidades, principalmente no viés metodológico e pedagógico, que contemple a sociedade, a ciência e sua produção cultural, pela exaltação da percepção

fenomenológica, pois esta apresenta alternativas que auxiliam na apreensão e divulgação do conhecimento, principalmente em ordem científica, como é o caso da geografia. Ela respalda-se, como diz (Bicudo, 1999, p.21), na objetividade do mundo natural, e nesse sentido não contrária a filosofia cartesiana e parte como esta, em busca de idéias palpáveis e distintas para em seguida tentar compreender o objeto observado. Nesse sentido, o ponto de partida é determinado pelo indivíduo que busca descrever a parte e a sua totalidade em determinado contexto.

Visto que a fenomenologia traz em si uma pedagogia alternativa, parte-se, segundo modelos husserlianos, de uma suspensão intencional e situacional dos eventos, para posterior, se necessária, comparação e construção de formas e visões diferenciadas. Isso acaba se materializando nos conhecimentos geográficos por meio da descrição, inicialmente subjetiva e, na seqüência, intersubjetiva dos seres, em seus mundos e vidas. Contudo se faz pertinente salientar que existe uma intersubjetividade prévia, que de certa forma prescreve e intencionalizam as incursões ao conhecimento, daí a importância da abordagem da geografia cultural humanista e de seu aporte fenomenológico na busca do conhecimento geográfico contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. *A Construção da Pessoa em Wallon e a Constituição do Sujeito em Lacan*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- BAKHITIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A Contribuição da Fenomenologia à Educação. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; CAPPELLETTI, Isabel Franchi. (org.). *Fenomenologia, Uma Visão Abrangente da Educação*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999. p.11-51
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da Geografia*. 2. ed. Rio Claro, SP: Editora Difel, 1985. p.165-193
- CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. *Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas: inteligências múltiplas na sala de aula*. (Trad.): Magda França Lopes. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artmed. 2000.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. (trad.) Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix. 1999.
- CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; CLAVALL, Paul. *A Geografia Cultural*. (trad.) Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- COELHO, Ildeu. *Moreira*. Fenomenologia e Educação. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; CAPPELLETTI, Isabel Franchi. (Org.). *Fenomenologia, Uma Visão Abrangente da Educação*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999. p. 53-104
- CORREIA, Marcos Antonio. Ponderações Reflexivas Sobre a contribuição da Fenomenologia à Geografia Cultural. *RA' EGA (UFPR)*. Editora UFPR. Curitiba, v.11, p.67-75, 2006.

- DEMANGEON, Alber. Uma Definição da Geografia Humana. In: CRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da Geografia*. 2. ed. Rio Claro SP: Editora Difel, 1985. p. 49-57
- GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.
- GALEFFI, Romano. *A Filosofia de Immanuel Kant*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.
- GARDNER, Howard. Entrevista sobre: Inteligências Múltiplas. Entrevista cedida pela revista *Pátio* – Editora Artes Médicas. Disponível em: <<http://www.abrae.com.br>> Acesso em: 06 de dezembro de 2007.
- GASTON, Bachelard. *Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. (Trad.) Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. (Trad.) Marcos Santarrita. 77ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.
- GOMES, Paulo César da Costa Gomes; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand. 1997. p.89-117
- GOMES, P. C. da C. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1996.
- HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. *Revista Espaço e Cultura (NEPEC)*. Rio de Janeiro, n.3, 1997.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. (Trad.) Frank de Oliveira. São Paulo: Editora Madras, 2001.
- KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Contexto, 2002. p. 215-232
- LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: Editora EDUSP, 2003.

Recebido para publicação dia 15 de Novembro de 2007

Aceito para publicação dia 01 de Fevereiro de 2008